

O VIVER DO HOMEM NO SENTIDO POÉTICO

Obra de Gary Snyder, o mais tranqüilo dos poetas americanos, mostra a descoberta de um novo modo de habitar

(Resenha do livro *re-habitar; ensaios e poemas*, de Gary Snyder, Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005, publicada em O Globo, Caderno Prosa&Verso, dia 19 de novembro de 2005, p. 4)

Outro dia, falaram-me que a palavra árabe para dizer linguagem é a mesma que significa casa, morada. Habita-se, portanto, nesta potência sempre aberta de todo dizer, que configura um sentido e, nele, simultaneamente, chama para o não-sentido que convoca a fala a retomar sua ação mais uma vez, e de novo, e de novo, e de novo. Com a mesma compreensão, um filósofo ocidental afirmou serem os poetas e os pensadores os zeladores desta morada, em que habitamos.

“Re-habitar”, a ótima antologia do poeta americano Gary Snyder, além de poemas, nos oferece alguns de seus ensaios e uma lacônica entrevista inédita realizada por Lucia Collin, que, com Sergio Cohn, organiza o livro. Nele, aquele que, ao lado de Allen Ginsberg e Jack Kerouac, fundou o movimento *beat*, sendo, como os outros dois, um de seus mais importantes participantes, acata o viver do homem no sentido poético, fazendo-o deslizar para a intensidade de uma geografia. Se o espaço se constitui como a linguagem que habitamos, não é menos verdade que esta imerja em uma topologia. No diagnóstico proposto, o que perdemos foi justamente o vínculo com a terra; tratar-se-ia, então, da busca pelo lugar, pela descoberta de um novo modo de habitar; tratar-se-ia de re-habitar.

No sentido mais amplo da palavra ecologia, re-habitar cuidando da diversidade natural e cultural, para que as “tradições menores”, ao invés de sua agonia, mostrem a força na qual elas próprias sempre habitaram. Em Gary Snyder, a cultura maior de sua língua se aventura a uma transformação provocada pela sabedoria nativa ameríndia, fazendo com que o autóctone e o civilizado sejam levados a coabitar. Coabitação que é, aqui, a experiência fundamental, já que ocorre uma forte confluência poético-cultural também com o zen, com o tao e com muitos dos mais interessantes escritores

americanos, tais como Henry David Thoreau, Walt Whitman, William Carlos Williams e outros. Como, se desta última trindade, acolhesse a simplicidade com seu elogio à diferença, a força e a elegante precisão da imagem; tudo em nome de quem, pela liberdade, escolheu se desfiliar do padrão norte-americano de viver, para conseguir, na poderosa América, uma animada tradição menor.

Neste entrecruzamento topográfico e topológico de tradições menores, seja a pé, por trilhas, ou de caminhão, por estradas, por entre o nevoeiro, o sol ou a chuva, com lenhadores que lhe dão carona, poucos amigos ou solitariamente, em seu país ou no Japão, sóbrio ou extaticamente, sempre vadeando, ele vai, pé na estrada, monge zen, professor, americano, pele-vermelha, soprado como o pó. Neste livro em que se escuta corças, veados, cavalos, coiotes, gansos, falcões, xamãs e serras elétricas, se deflagra uma poética selvagem do mais tranqüilo poeta americano. Nele, selvagem não está ligado a uma violência agressiva do horror, mas a um tipo de beatitude provinda do indomável da vida delicada, de quem confunde o encontro de três pessoas com o suave frescor que se manifesta no leve e úmido roçar dos focinhos de três alces que se beijam.

Não se trata, de modo algum, de um abandono de uma tradição histórica, mas, antes, de misturá-la ao estado selvagem, para que se ganhe uma outra medida, dita mais equilibrada. Por isso, os estudos, os livros e o pensamento aparecem freqüentemente nos poemas, como ambiência do cotidiano, mas no momento exato de sua interrupção: “Escuro demais para ler, a milhas duma estrada/ Ressoa no pasto o cincerro da égua madrinha”; ou “Começou agora mesmo com um colibri/ Que pairou a uns dois metros da varanda então se foi,/ Interrompeu meu estudo”; ou “Não me lembro das coisas que uma vez eu li/ Alguns amigos, mas estão nas cidades./ Bebendo neve derretida numa caneca de lata/ Contemplar a paisagem por milhas/ Através do ar sereno das alturas”. Esses momentos interruptivos, quando o fluxo irrompe espontaneamente, surpreendem, transformando os poemas em “cavalos perdidos”, em “gansos selvagens/ [que] desprendem-se das margens”.

Escritos desde a terceira margem, é para lá que nos arrastam muitos dos poemas, como “Yase: Setembro”: “A velha Sra. Kawabata/ roça as altas e espigosas ervas daninhas – / mais em duas horas/ do que eu consigo roçar num dia./ duma montanha/ de capim e cardo/ ela separou cinco hastes poeirentas/ de flores do campo azuis e irregulares/ e as colocou na minha cozinha/ num jarro”. É disto que se trata – de uma poética da delicada fraternidade. Com tudo, com todos e com o todo.